



EDITORIAL

Educação Médica transformadora e progressista

Patricia Zen Tempski

A questão da formação docente é fundamental quando falamos e mais que isto, quando desejamos uma prática educativa progressista e transformadora. E é neste sentido que *formar* é mais que *treinar* para a destreza em uma tarefa. Este formar a que me refiro é desenvolver no educando a autonomia, o pensar crítico e a competência para conhecer o mundo e intervir nele, transformando a sua realidade.

A prática docente transformadora exige responsabilidade ética do professor, por se tratar de um processo social, que acontece em um contexto histórico, político, cultural, ético e estético. Sendo a primeira exigência desta prática, entender o educando como um ser histórico que ao aprender também ensina, e que quem forma se reforma ao formar. Aquele que ensina sempre tem algo a aprender, e o que é formado também traz em si algo a ensinar.¹ Aquele que ensina, o faz por meio da sua palavra e do seu exemplo, e é neste sentido que a educação transformadora exige do professor a corporificação das suas palavras, vivendo sua prática da forma como sugere ser a máxima excelência, que envolve o pensar, sentir e agir de um médico competente.^{2,3} Seria possível ensinar a relação do profissional de saúde com a pessoa que adoece e sua família sem vivê-la de forma ética e responsável? Ou ainda, como ensinar a prática do trabalho em equipe multiprofissional sem respeitar os diferentes saberes na área da saúde?



Esta educação transformadora é dialética e dialógica. Dialética porque exige a busca de novos conhecimentos e a resignificação dos antigos; e dialógica porque favorece novas sínteses por meio do diálogo.

Portanto, exige do professor postura indagadora, de busca constante, além da abertura ao novo e ao diálogo. Exige também a consciência do seu próprio inacabamento, que lhe permite experimentar o novo e novas maneiras de ser e estar no mundo. É a certeza deste inacabamento que move tanto aquele que aprende como aquele que ensina ao desenvolvimento pessoal e profissional; e gera esperança na potência transformadora do processo educacional.⁴

Educar exige comprometimento do professor com sua prática e com seu aprendiz, sendo a educação um processo de interação social que se dá na relação do professor com o aluno, seja ela presencial ou virtual. Em tempos de tecnologia há que se aceitar que também esta relação virtual existe e é real.^{4,5}

É neste espaço construído de respeito aos saberes, de busca do novo, do diálogo, da ética, de esperança e de dedicação, que o aluno e professor entram em contato com novos conhecimentos e constroem novos significados, aplicáveis a sua prática. Nisto se apresenta a boniteza da docência: não há professor sem aluno e não há aluno sem professor, exige-se a presença e atuação de ambos para a prática da educação transformadora idealizada por Paulo Freire.

Ensinar é arte, mas também é ciência e neste sentido há muito que se aprender!



Referências:

1. Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
2. Merton RK. Some preliminaries to a sociology of medical education. In: Merton RK, Reader LG, Kendall PL, ed. The Student Physician: Introductory Studies in the Sociology of Medical Education. Cambridge, Mass: Harvard University Press; 1957:3–79.
3. Richard L. Cruess, Sylvia R. Cruess, and Yvonne Steinert. Amending Miller's Pyramid to Include Professional Identity Formation. *Academic Medicine*, 2015, September.
4. Freire P. Educação e Mudança. São Paulo: Paz e Terra; 1979
5. Harden RM and Crosby JR. 2000. AMEE Educational Guide N° 20. The good teacher is mores than a lecturer – The twelve roles of the teacher. *Med. Teach.* 22,334-47.